

MAIS DEFINIÇÕES EM TRÂNSITO

EXU (Karliane Macedo Nunes)

Único orixá que preservou seu nome próprio no exercício de renomeação dos deuses africanos imposto pelo sistema político-religioso Ocidental. Sua imagem pode ser vista como uma síntese do processo de **dupla voz**. Orixá sempre presente, na mitologia iorubá, **Exu** é o mensageiro, o princípio dinâmico de comunicação e interpretação. Leda Martins afirma sobre **Exu**: “Seu caráter de ambivalência, multiplicidade, e sua função, no panteão dos orixás, como elemento de mediação entre o universo humano e o divino e como instância propulsora e promulgadora de interpretação fazem dele um *topos* discursivo e figurativo que intervém na formulação do sentido da cultura negra” (MARTINS, 1995). Nessa possibilidade de formulação de sentido, **Exu** parece funcionar como um operador semântico da alteridade africana na sua interseção com a cultura brasileira, simbolizando um princípio estrutural significante da cultura negra. É a metáfora da própria encruzilhada semiótica da cultura negra em terras brasileiras (entendendo encruzilhada como um ponto de interseção de várias passagens e semiótica como o ponto onde signos se encontram para formar sentidos). É jogo e é símbolo.

De acordo com Henry Louis Gates Jr, a imagem de **Exu** pode ser usada para a atividade crítica da interpretação, na medida em que, em si mesma, sua figura, no panteão iorubá e afro-baiano, representa um eixo de indeterminação e interpretação. No discurso da mitologia dos orixás, base de sustentação das religiões africanas, **Exu** existe não apenas como uma personagem em uma narrativa, mas principalmente como um veículo da própria narrativa, como meio. Metamórfico e original parece tornar-se o próprio veículo do processo de instauração de sentido, sendo estruturante da enunciação do negro no Brasil.

Construções culturais e identitárias devem ser analisadas como processos negociáveis e tensos. Aspectos estes que marcam justamente os processos com os quais os africanos tiveram que lidar quando foram trazidos como escravos para o Novo Mundo, e com os quais os afrodescendentes continuam lidando até os dias atuais, quando se trata de (re)criar sua cultura.

O fato de não se tratar de um discurso identitário unívoco, e sim de negociações complexas, é que faz com que **Exu**, figura central do sistema de

MAIS DEFINIÇÕES EM TRÂNSITO

interpretação do candomblé, funcione bem como um operador semântico no que se refere à cultura negra, porque pode ser considerado como o elo que permite uma interpretação capaz de unir o cotidiano atual dos afrodescendentes de uma cidade como Salvador, por exemplo, ao dos povos de que estes descendem e que foram marcados por um modo de viver, por símbolos e mitos.

Exu parece funcionar bem como um operador interpretativo no que diz respeito à multiplicidade e à ambivalência da cultura negra justamente por ocupar, no candomblé, o lugar daquele que existe e circula nos planos material e espiritual; nos planos da vida cotidiana moderna e no plano mítico. Por situar-se, enfim, no local onde se entrecruzam as diversas possibilidades de interpretação de uma cultura, justamente porque só ele, no panteão dos orixás, simboliza a África ancestral - em sendo o próprio veículo da narrativa mitológica iorubá -, e porque simboliza o lugar social e cotidiano do negro na Bahia atual, que integra um sistema de representações construído através de tensões, conflitos e negociações, todas características presentes no orixá mensageiro.

Referências Bibliográficas e Webgráficas:

BASTIDE, Roger. **O candomblé da Bahia**. São Paulo. Companhia Editora Nacional, 1978.

GATES, Henry Louis. **The signifying monkey**. A theory of African American literary criticism. New York. Oxford, 1988.

MARTINS, Leda. **A cena em sombras**. São Paulo. Perspectiva, 1995.

PRANDI, Reginaldo. **Mitologia dos Orixás**. São Paulo. Companhia das Letras, 2001.